

FH volta a culpar o Congresso pelo atraso das reformas

Segundo o presidente, medidas não seriam tão duras se Constituição já tivesse sido mudada

TÂNIA MONTEIRO

BRASÍLIA — Preocupado com o impacto das medidas duras anunciadas pela área econômica sobre a população, o presidente Fernando Henrique Cardoso fez ontem um novo pronunciamento à Nação para explicar o pacote. Mais uma vez ele culpou o Congresso pelo atraso na votação das reformas, que segundo ele poderiam ter evitado o pacote. "Se tivéssemos já as reformas talvez não precisaríamos hoje de medidas tão duras", afirmou, depois de reconhecer que elas poderão lhe trazer impopularidade. Mas acrescentou que não está preocupado com isso, apenas com o País.

Depois de avisar que as medidas não vão recair somente sobre um setor em especial, Fernando Henrique disse que o pacote não é inflacionário e não atingirá a cesta básica ou o salário do trabalhador.

"A inflação não voltará na medida em que o real for mantido forte", assegurou. O presidente alertou que o pior imposto que existe é a inflação e a população sabe disso. As medidas, comentou, não têm por objetivo esconder o que quer que seja. "Nem são medidas que visem a confiscar poupança e criar situações de desrespeito aos direitos estabelecidos", afirmou, referindo-se ao confisco da poupança no início do governo Collor.

Fernando Henrique acentuou que o governo, em nenhum momento, deixou de fazer o que tinha de fazer. Ele lembrou que como mudou a atmosfera do mundo, por causa da crise asiática, o governo teve de agir mais depressa, tomando medidas que vinham sendo adotadas prevendo uma "trajetória mais longa". O presidente disse que se o Congresso já tivesse votado essas reformas, talvez as medidas duras não precisassem ser adotadas. Em seguida, afagou os parlamentares afirmando que eles têm apoiado as reformas e avisou que é preciso continuar a votá-las.

O presidente falou que assim que for recobrada a confiança no País, em decorrência das medidas adotadas, as taxas de juros poderão ser reduzidas. Na sua opinião, isso mostra que a atual política brasileira será mantida.

Tentando amenizar a situação da classe média, atingida com o aumento do Imposto de Renda da pessoa física, o presidente reconheceu que alguns setores pagarão um certo preço pelo pacote. "Apenas 8% da população brasileira paga Imposto de Renda", afirmou, justificando que a classe média já tem "sofrido muito" e o governo "não deixará de prestar a atenção às agruras da classe média".